

“Vai ser rápido, não foi?”: entre o paradigma da simplicidade e o paradigma da complexidade

Matilde Gonçalves

Abstract:

This work begins with an Alain Rabatel's oral presentation in a conference on enunciation (Paris, November 2011). Part of the presentation of this linguist focused, on the one hand, in the need to separate reality and theory and, on the other hand, on the need to simplify the objects in order to explain them.

Starting from these considerations, our questions are: what might be the consequence(s) of these theoretical-methodological options for the study of the language functioning and what kind language vision we are projecting or constructing through it?

This reflection will support on the paradigm of complexity designed by Edgar Morin.

Introdução

Este trabalho tem como ponto de partida uma comunicação de Alain Rabatel, num colóquio sobre enunciação (Paris, novembro de 2011). Parte da exposição do linguista incidiu sobre a necessidade de, por um lado, separar realidade e teoria e, por outro, simplificar os objectos linguísticos para os explicar.

Partindo das considerações expostas, as questões que me coloco são quais poderão ser a(s) consequência(s) destas opções em termos teóricos-metodológicos para o estudo do funcionamento da língua e que visão se tem ou se constrói da língua?

Para responder a essas questões basear-me-ei num primeiro momento sobre a diferença entre o paradigma da simplicidade e da complexidade definido e desenvolvido por E. Morin. Num segundo momento, será tida em consideração a abordagem do estudo da

linguagem de Saussure de forma a tentar explicitar as considerações de Rabatel. Finalmente, a análise de um objecto linguístico segundo o paradigma da simplicidade e segundo o paradigma da complexidade procurará evidenciar a necessidade de lembrar a linguística e as visões do conceito de língua.

Paradigma da simplicidade e paradigma da complexidade

A abordagem de Rabatel aproxima-se do paradigma da simplicidade descrito por Morin (1990). Para Morin, o paradigma da simplicidade dominou a ciência clássica a partir do século XVII até o início do século XX. Esse paradigma baseia-se em três princípios: **princípio da generalidade**, **princípio da redução** e **princípio da disjunção** (Morin, 1990:304). O seu fundamento assenta, por um lado, em bases

reducionistas, ou seja, num esquema de pensamento que preconiza a separação e a divisão das partes para tentar explicar o todo, e por outro, em reduzir metodologicamente os factores em interacção de forma a simplificar e conseguir fazer previsões que se querem exatas. Este paradigma foi abalado pelas descobertas das ciências naturais e da morfogénese¹, nomeadamente os progressos da física e da química (Prigogine & Stengers, 1986) ou ainda da biologia e os problemas entre autonomia e dependência de tudo o que concerne o que é vivo (Varela 1988). Surge então um novo paradigma ao qual E. Morin denomina de complexidade (Prigogine e Stengers, 1993). Este paradigma centra-se sobretudo na responsabilidade e na consciência de não excluir aquilo que era eliminado no paradigma anterior. Contudo E. Morin sublinha que o paradigma da complexidade não existe em si mesmo, uma vez que a complexidade se manifesta sobretudo enquanto problemática nas ciências naturais que puseram em causa o modelo da ciência clássica. (Morin, 1990: 306).

Vários princípios incrementam o paradigma da complexidade, destacarei alguns, que mostram claramente a diferença com o paradigma anterior:

- Validade mas insuficiência do princípio de universalidade (ou princípio de generalidade);

¹ Ver Boutot, Alain (1993) *La théorie des formes*, Paris : Odile Jacob.

- Necessidade de fazer intervir a história e os eventos em todas as descrições e explicações;
- Reconhecimento da impossibilidade de isolar as unidades elementares. Necessidade de ligar o conhecimento dos elementos ou partes aos conjuntos ou sistemas que os constituem;
- Princípio de distinção mas não de disjunção entre o objecto ou o ser e seu meio ambiente (environnement).

O paradigma da complexidade fomenta a distinção e a comunicação em vez da disjunção, o reconhecimento dos traços regulares, originais, históricos de um fenómeno em vez de o ligar simplesmente a determinações ou leis gerais. Incentiva a dar conta do carácter multidimensional de toda realidade estudada (Morin, 1990: 309)

Tal como sublinha Coutinho (2006), a complexidade será sempre reduzida ou simplificada. Observe-se as inúmeras questões subjacentes a uma abordagem complexa dos objectos empíricos – como descrever a complexidade? Quais os critérios e os instrumentos para o fazer? A diferença entre os dois paradigmas reside, por um lado, na consciência dessa diferença e, por outro, na necessidade de encarar a simplificação ou redução não como um método imprescindível mas como uma “arte” dependendo das necessidades pontuais. (Prigogine e Stengers, 1993: 109) Além disso, a complexidade requer um

movimento constante de busca de meios para a descrever (Prigogine e Stengers, 1993: 109), o que leva a uma incessante reflexão sobre a disciplina científica em causa.

Posto a diferença entre o paradigma da simplicidade e da complexidade, procurarei, no que segue, evidenciar as razões da abordagem simplificada de Rabatel sobre os factos linguísticos. Para tal, focalizarei num primeiro momento a distinção entre linguística da língua e linguística da fala tal como consta no *Cours de Linguistique générale* (CLG) de Saussure (1995 [1915]).

Linguística da língua e linguística da fala

Tomo como ponto de partida para a minha reflexão a seguinte citação de Françoise Gadet:

Saussure montre que l'homme n'est pas maître de sa langue. En questionnant les évidences grammaticales et la façon dont elles fonctionnent pour le sujet parlant, Saussure a contribué à arracher la réflexion sur le langage aux évidences empiriques ; en étudiant **la langue comme un objet abstrait**, un système dont les **ressorts sont extérieurs** à la fois à **l'individu** et à la **réalité physique**, la théorie saussurienne a produit un effet de déconstruction du sujet psychologique libre et conscient qui

régnaît dans la réflexion de la philosophie et des sciences humaines naissantes, à la fin du XIX^e siècle.

Esta leitura de F. Gadet sobre os trabalhos de Saussure realça vários aspetos:

- Uma separação entre o homem e a língua
- Uma perspectiva da língua enquanto sistema exterior ao indivíduo e à realidade física
- Uma perspectiva da língua enquanto objecto abstracto (resultado dos dois itens anteriores)

(Gadet, 1996 : 7, sublinhado meu)

Nesta citação pode-se observar o projecto de F. Saussure tal como foi concebido pelos editores do CLG e suas consequências na ciência linguística do século XX. Saussure, a partir da distinção que faz entre língua e fala, distingue e hierarquiza dois tipos de linguísticas: uma da língua e outra da fala, sendo esta secundária relativamente à primeira.

L'étude du langage comporte donc deux parties: l'une essentielle, a pour objet la langue qui est sociale dans son essence et indépendante de l'individu ; cette étude est uniquement psychique ; l'autre, secondaire, a pour objet la partie individuelle du langage, c'est-à-dire la parole y compris la phonation : elle

est psycho-physique. (CLG, 1995 : 37)

Assim, a desvinculação, por um lado, entre o homem e a língua, e, por outro, entre a língua e a realidade incide na concepção de dois tipos distintos de linguística.

A linguística e o paradigma da simplicidade

A partir da concepção de Saussure sobre como abordar e estudar a linguagem humana observa-se vínculos com o paradigma da simplicidade anteriormente exposto. De fato, separar o estudo da linguagem humana em duas partes – a língua e a fala – denota claramente o recurso à separação e à divisão para explicar o todo, ou seja, a linguagem humana. Além disso, Saussure recorre à disjunção entre o individual e o social, na separação entre o homem e a língua, a língua e a realidade na concepção de uma linguística da língua e da fala.

A questão que aqui se coloca é saber se a abordagem defendida por Rabatel resulta da concepções de linguagem (e de língua) de Saussure.

Estamos em crer que os procedimentos teóricos e metodológicos propostos por Rabatel advêm em parte das concepções anteriormente mencionadas. De facto, reencontramos ecos da leitura dos trabalhos de Saussure feita pelos editores do CLG na

obra de Marie-Anne Paveau e Georges-Élia Sarfati². Estes autores explicam que no CLG, língua e fala apelam a teorias diferentes daí a distinção entre a linguística da língua e a linguística da fala. Segundo Paveau e Sarfati (2003), Saussure coloca as duas linguísticas como possíveis mas dá preferência a uma. Além disso, apesar de os *Écrits de Linguistique Générale*³ (ELG) terem sido publicados um ano antes da obra de Paveau e Sarfati e destes autores mencionarem os *Écrits*, não tomam em consideração as alterações que essa obra trouxe a nível da concepção da língua e da linguística em geral.

Com efeito, nos *Écrits de Linguistique Générale* (ELG), a percepção entre língua e fala diverge daquela apresentada no *Cours de Linguistique Générale* (CLG). De facto, Saussure, no seu discurso na criação da cátedra de Bally (chaire de Bally) diz da linguística o seguinte:

Elle comporte deux parties : l'une qui est plus près de la langue, dépôt passif, l'autre qui est plus près de la parole, force active et véritable origine des phénomènes qui s'aperçoivent ensuite peu à peu dans l'autre moitié du langage. **Ce n'est pas trop que les deux.** (Écrits de linguistique générale, Paris,

² Paveau, M. A. & G. E. Sarfati (2003). *Les grandes théories de la linguistique, De la grammaire comparée à la pragmatique*, Paris : Armand Colin.

³ Saussure, Ferdinand de (2002). *Écrits de Linguistique Générale*. Paris: PUF.

Gallimard, 2002 : 273, sublinhado por mim).

A expressão “ce n’est pas trop que les deux” demonstra a necessidade de ter em conta as duas partes. A linguística da língua deve ser concebida tendo em conta a dualidade língua/fala, na qual a fala detém um papel determinante. Sabe-se que a língua não é uma reconstrução de regularidades descritas na fala e que a língua enquanto competência abstracta contendo uma infinidade de frases possíveis mostrou os seus limites (Cf. trabalhos de Chomsky) como sublinha Rastier (2009).

Como mencionado, a metodologia de Rabatel herdou sem dúvida das concepções de linguagem, língua, fala (Saussure). Contudo, isso seria uma leitura simplificada da qual temos plena consciência. A abordagem de Rabatel e de tantos outros linguistas advém não somente da leitura das concepções de Saussure mas também da dominação do paradigma da simplicidade na ciência e na forma como olhamos para os seres humanos e para os objectos que nos rodeiam (ponto que merece mais desenvolvimento mas que não será tratado neste trabalho). Aliás, a vigência do paradigma de simplicidade é manifesta quando Saussure, no CLG, sublinha que a linguística da fala não sofre de exclusão relativamente à linguística da língua, apesar de não se tratar da mesma disciplina; contudo observando a linguística, a exclusão de uma relativamente a outra

afigura-se como vulgarmente comum (veja-se o facto de a linguística dos textos e dos discursos ser a menos tida em consideração). Passemos então à análise de um objeto linguístico.

Análise de um objecto linguístico⁴

A nossa análise terá dois momentos. Num primeiro, seguir-se-á uma metodologia oriunda do paradigma da simplicidade e num segundo, o paradigma da complexidade.

Na primeira fase, o objecto em análise é a sequência “vai ser rápido, não foi?”.

Esta estrutura corresponde a uma interrogativa tag e é definida como segue:

a interrogativa tag só parcialmente tem valor de interrogação. É constituída por dois membros, o primeiro de natureza assertiva, o segundo, de natureza interrogativa-negativa, pelo o qual o enunciador pede ao seu co-enunciador que confirme a asserção construída no primeiro membro.

Campos e Xavier (1991: 346)

Tal como descrita na Gramática do Português, a interrogativa tag desempenha uma “função de retoma de uma frase produzida no discurso anterior”. Reconhece-se esta forma quando obedece às seguintes estruturas:

⁴ Agradeço à Clara Nunes Correia as suas sugestões judiciosas.

... não + verbo (da frase declarativa)?

... não é verdade?

... não é assim?

(Mateus *et alii*, 2003: 477-478)

Moreno (1998), num artigo sobre as interrogativas tags sob a perspectiva da Teoria Formal Enunciativa, elenca mais estruturas, tais como:

..., não?

..., não é?

..., não é verdade?

..., não é assim? ..., não + V(erbo) da frase declarativa?

..., pois não?

..., pois + V(erbo) da frase declarativa

..., pois é?

(Moreno, 1998: 164-165)

Vejam, agora, a estrutura que nos interessa – “Vai ser rápido, não foi?”. O primeiro membro da interrogativa é de natureza assertiva e o segundo de natureza interrogativa negativa, ou seja, respeita a estrutura da interrogativa tag, tal como descrita acima. Contudo, os tempos verbais entre o primeiro e o segundo membro não coincidem, uma vez que na asserção observa-se a forma perifrástica do futuro “vai ser” e na interrogativa a presença do pretérito perfeito “foi”. Este tipo de interrogativa não é descrito na literatura – será esta estrutura uma interrogativa tag ou outra forma da língua portuguesa?

Outro ponto de interesse é o conflito aspectual entre o imperfectivo presente na asserção “vai ser bom” e o perfectivo na interrogativa “ não foi”. De acordo com Henriqueta Costa Campos (1991:303), pode-se representar a diferença entre o perfectivo e o imperfectivo, que se manifesta na estrutura que nos interessa no seguinte diagrama :

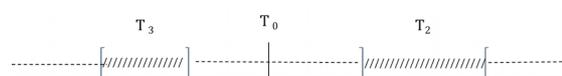


Figura 1. Diagrama de “vai ser rápido, não foi?”

Na mesma estrutura “vai ser rápido, não foi” estamos em presença de dois conflitos. O primeiro de ordem temporal prende-se ao fato de na asserção, o valor temporal de posterioridade ser marcado por uma forma perifrástica do futuro “vai ser rápido” (T₂), enquanto na interrogativa, o valor temporal de anterioridade derivar do pretérito perfeito simples “não foi”(T₃). O segundo conflito, de ordem aspectual é oriundo pelo valor imperfectivo de “vai ser rápido” (T₂) e o valor perfectivo “não foi?” (T₃). Na representação diagramática, é possível observar esses dois conflitos. De facto, o tempo T₂ é posterior a T₀ e o acontecimento linguístico é representado como um todo aberto ([]). O tempo T₃, anterior a T₀, é construído como acabado daí a sua representação num intervalo fechado ([]).

Nesta segunda fase da análise, propomos seguir o paradigma da complexidade, ou seja, ter em consideração o contexto de produção e de circulação da sequência acima apresentada.

Tal como se pode observar na imagem abaixo, a sequência circula em sociedade sob esta forma.



Texto 1. Anúncio publicitário “Wifi PT”

O texto em questão pertence ao género anúncio publicitário. Neste género manifesta-se a encenação de um diálogo com personagens fictícias (Adam, Bonhomme, 2007), no qual consta a presença da interrogativa tag “vai ser rápido, não foi?”. O diálogo é construído em torno de uma personagem – um homem do lado direito do anúncio publicitário – e uma personagem desconhecida que coloca a pergunta.

Atendendo às definições da interrogativa tag atrás expostas, parece-nos que a forma “vai ser rápido, não foi?” não corresponde a um caso comum de interrogativa tag

referida na literatura. De facto, o objetivo deste texto é publicitar, isto é, tornar pública a existência de um produto e as suas vantagens, e, ao mesmo tempo, “seduzir” para a compra desse produto e não confirmar uma asserção ou manipular o alocutário para chegar a onde se pretende.

Passemos agora ao segundo ponto que nos interessa – a construção do sentido textual. Para tal, partiremos de uma citação dos “Écrits” de Saussure:

Des concepts sont là, prêts dans la langue (c’est-à-dire revêtus d’une forme linguistique) tels que *boeuf, lac, ciel, fort, rouge, triste, cinq, fendre, voir*. À quel moment ou en vertu de quelle opération, de quel *jeu* qui s’établit entre eux, de quelles conditions, ces concepts formeront-ils le discours?

La suite de ces mots, si riche qu’elle soit, par les idées qu’elle évoque, n’indiquera jamais à un individu humain qu’un autre individu, en les prononçant, veuille lui signifier quelque chose en usant des termes qui sont à disposition dans la langue? C’est la même question que de savoir ce qu’est le *discours*, et à première vue la réponse est simple: le discours consiste (...) à affirmer un lien entre deux des concepts qui se présentent revêtus de la forme linguistique, pendant que la langue ne fait que préalablement que réaliser des concepts isolés, qui attendent d’être mis en rapport entre eux

pour qu'il y ait signification de pensée.
(ELG, 277) (sublinhado nosso)

A escolha desta citação relaciona-se com a necessidade imperiosa de encarar as formas linguísticas tal como circulam em sociedade (cf. paradigma da complexidade). Por outros termos, para dar conta da riqueza e da plasticidade da língua, é preciso sobretudo observar as formas linguísticas tal como se organizam no discurso e não tanto como estão organizadas na língua. De facto, seguindo o paradigma da simplicidade a análise da expressão “vai ser rápido, não foi” permite definir essencialmente a estrutura e emitir hipóteses sobre o seu uso. Contudo será que esse tipo de análise permite compreender todo o jogo que se instaura entre as potencialidades de uma dada língua no discurso? Atendendo à análise da estrutura da interrogativa tag não nos parece. Qual o sentido textual de “vai ser rápido, não foi?” Qual o objetivo do uso dessa forma?

Retomando o conflito temporal e aspectual entre T₂ e T₃, o que pode explicar o recurso a esse conflito? Qual o intuito?

Sabendo que se está perante um anúncio publicitário e que o objectivo é destacar um determinado produto no mercado, parece-nos que a estrutura em causa procura, por uma lado, chamar a atenção e, por outro, intensificar a velocidade do produto publicitado – wifi (Internet sem fios) da Portugal Telecom. Para tal, o anúncio, aponta para a qualidade do produto – a

rapidez – recorrendo à interrogativa tag. De facto, quando se acaba de produzir a asserção “vai ser rápido”, esta já faz parte do passado. Além disso, o conceito de velocidade é acentuado através de elementos não verbais – como a orientação da gravata e do cabelo.

Para finalizar a observação da forma linguística em questão, importa referir a conotação sexual oriunda de duas relações de intertextualidade: uma entre o nosso objeto de estudo e um anúncio publicitário da Sociedade Portuguesa de Andrologia sobre a ejaculação precoce, que recorreu à forma “vai ser bom, não foi?” e outra, entre o anúncio publicitário estudado e uma anedota na qual se refere a perda de virgindade de uma dada pessoa pelo recurso à forma linguística “és virgem, não eras?”. Além disso, a conotação sexual é reforçada pela expressão de prazer no rosto da personagem.

The screenshot shows a web browser window with the URL maior.sapo.pt/sexo/vai-ser-bom-nao-foi/. The browser's address bar and navigation menu are visible. The page content includes the logo for 'idade maior' and a navigation bar with categories: bem estar, alimentação, família, dinheiro, sexo, tempos livres, and partilha. The main article title is 'Vai ser bom, não foi?' dated 20 de Novembro de 2009. The text of the article states: 'A ejaculação precoce afecta um em cada quatro portugueses. Conheça as causas e os tratamentos possíveis.' To the right of the text is an image of a glass bottle with a green cap, from which a large splash of water is erupting. Below the article text is a green box with the text 'deixe a sua opinião' and a form with fields for 'Nome' and 'E-mail'.

Texto 2. Campanha de informação da Sociedade Portuguesa de Andrologia

Notas conclusivas

A observação da forma “vai ser rápido, não foi?” partiu da necessidade de averiguar a(s) consequência(s) da opção de, por um lado, separar realidade e teoria e, por outro, simplificar os objectos linguísticos para os poder explicar. A relação entre linguística da língua e do discurso e o paradigma da simplicidade e da complexidade permitiu explicar a origem dessa separação e a observação da forma “vai ser rápido, não foi?” segundo os dois paradigmas possibilitou averiguar que a análise de um dado objecto linguístico fora do seu contexto não permite compreender, nem descrever esse objecto na sua complexidade. No entanto, separar a linguística em duas vertentes ou segundo dois paradigmas é também uma forma de simplificação. Nesse sentido, o caminho a apontar é o lembrar a linguística tal como Rastier o preconiza – criar um diálogo entre a linguística da língua – que permite compreender e descrever a forma em si e a linguística do discurso – que permite compreender como a forma ganha vida e circula na sociedade e como se constrói o sentido textual ou para retomar Saussure “a ligação entre dois conceitos”.

A ideia de lembrar a linguística vai ao encontro do paradigma da complexidade defendido por Morin. De facto, Rastier (2009) voltando à distinção entre língua e

fala patenteada pelos editores do CLG (e não por Saussure) explica que não é a língua abstracta que se realiza na fala mas a fala que se “idealiza” na língua tal como os gramáticos a concebem. Retomando a citação dos *Écrits* de Saussure “l’une qui est plus près de la langue, dépôt passif, l’autre qui est plus près de la parole, force active et véritable origine des phénomènes qui s’aperçoivent ensuite peu à peu dans l’autre moitié du langage” (2002 : 273)

Aliás, lembrar a linguística era o desejo de Gaston Paris, filólogo:

La linguistique conduit ainsi pour sa part au plus beau résultat de toute science, qui est de rattacher au grand tout les parties en apparence les plus fragmentaires et de nous faire sentir la solidarité de chaque détail avec l’ensemble. (Gaston Paris, 1868 : 29-30)

Bibliografia

CAMPOS, M.H.C. & M.F. Xavier (1991) *Sintaxe e Semântica do Português*. Lisboa: Universidade Aberta.

COUTINHO, Maria Antónia. 2006. O texto como objecto empírico: consequências e desafios para a linguística. *Veredas* 10 (1-2).

http://www.revistaveredas.ufjf.br/volumes/veredas_portugal/artigo07.pdf]

GADET, Françoise. 1996. *Saussure, une science de la langue*. Paris : P.U.F.

GASTON Paris. 1868. *La grammaire historique de la langue française*. Paris : Librairie A. Franck.

MORENO, António. 1998. Interrogativas-tag e operações enunciativas” in Brosseron, F. & Cardoso, S. (org. e coord.). *Linguística e didáctica da línguas: Actas do Fórum Linguística e Didáctica das Línguas*. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, pp. 163-172.

MORIN, Edgar. 1990. *Science avec conscience*, Paris : Seuil, coll. Points.

PAVEAU, M. A. & G. E. SARFATI. 2003. *Les grandes théories de la linguistique, De la grammaire comparée à la pragmatique*. Paris : Armand Colin.

PRIGOGINE, I. & I. STENGERS. (1986) *La Nouvelle alliance*, Paris : Gallimard, 1986.

PRIGOGINE, I. & I. STENGERS. (1993) *Simple / Complexo*, Enciclopédia Einaudi, Lisboa:

Imprensa Nacional – Casa da Moeda, p. 98-111.

RASTIER, François (1996) *La sémantique des textes : concepts et applications*, in Texto [en ligne] http://www.revue-texto.net/Inedits/Rastier/Rastier_Concepts.html#1.1. (consultado em 20 de maio de 2012)

RASTIER, François (2009), *Sémantique interprétative*, Introduction à la troisième édition, in Texto [en ligne]

http://www.revue-texto.net/docannexe/file/2129/texto_preface_si_rastier.pdf (consultado em 20 de maio de 2010)

SAUSSURE, F. de (1995 [1916]): *Cours de linguistique générale*, édition critique préparée par Tullio De Mauro, Paris : Payot

SAUSSURE, Ferdinand de (2002). *Écrits de Linguistique Générale*. Paris: PUF.

VARELA, Francisco (1988). *Autonomie et connaissance, essai sur le vivant*, Paris : Seuil.